

O FUNDO  
É APENAS O COMEÇO

Copyright © 2015 by Neal Shusterman (texto) e Brendan Shusterman (ilustrações)  
Publicado mediante contrato com HarperCollins Children's Books, uma divisão  
da HarperCollins Publishers.

TÍTULO ORIGINAL  
*Challenger Deep*

CAPA  
Raul Fernandes com ilustrações de Brendan Shusterman

FOTO DA 2ª ORELHA  
Cortesia de Neal Shusterman

DIAGRAMAÇÃO  
Kátia Regina Silva

ADAPTAÇÃO PARA E-BOOK  
Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S565f

Shusterman, Neal  
O fundo é apenas o começo [recurso eletrônico] / Neal Shusterman; [tradução de Heloísa Leal];  
ilustração de Brendan Shusterman. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Valentina, 2018.  
recurso digital

Tradução de: Challenger deep

Formato: ePub  
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions  
Modo de acesso: World Wide Web  
ISBN 978-85-5889-063-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Leal, Heloísa. II. Shusterman, Brendan. II.  
Título.

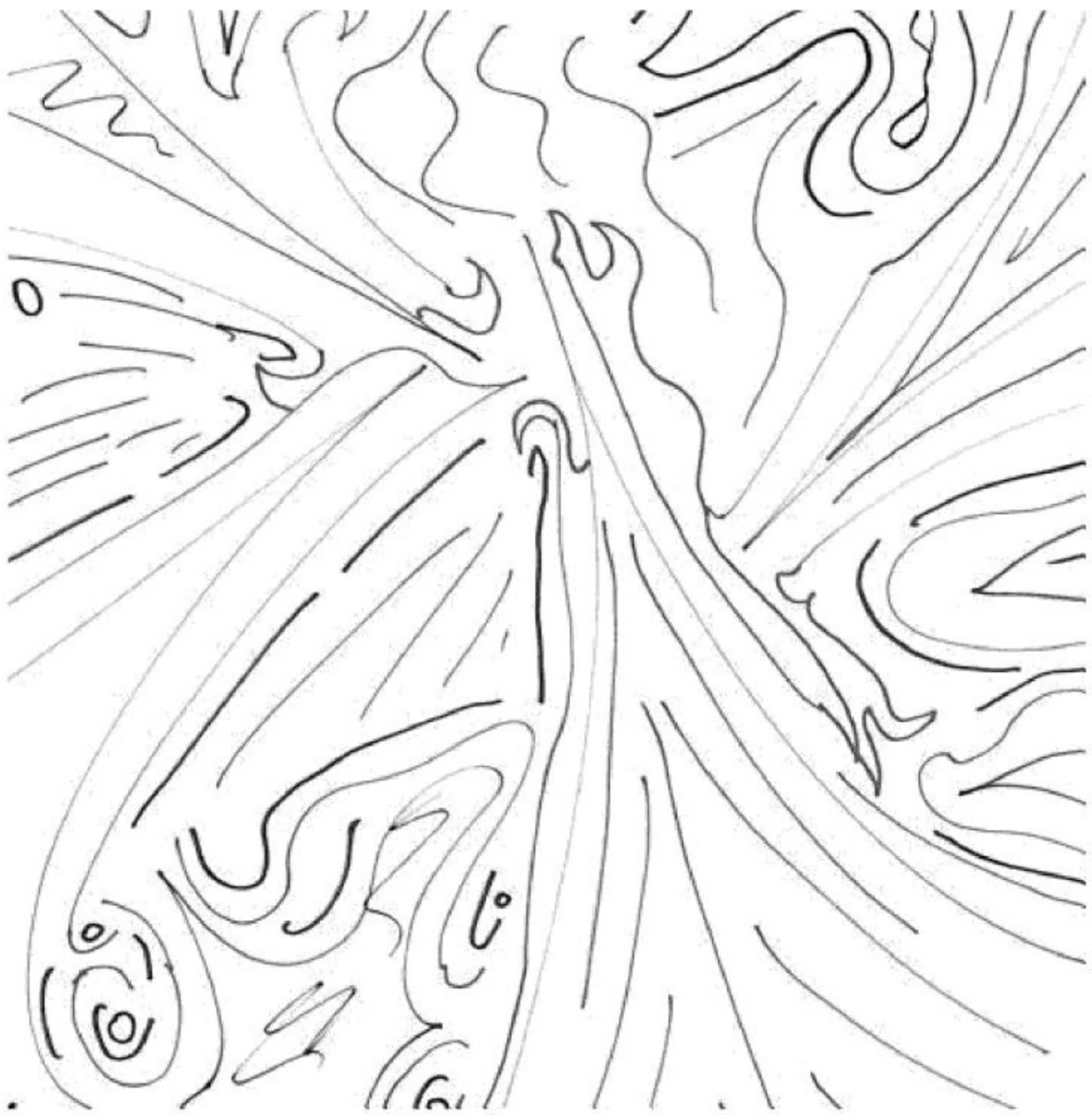
18-48116

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com  
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA VALENTINA  
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana  
Rio de Janeiro – 22041-012  
Tel/Fax: (21) 3208-8777  
www.editoravalentina.com.br



## 1 Onde Está esse Abelhudo? Vou Comê-lo com Ossos e Tudo!

Há duas coisas que você sabe. A primeira: você esteve lá. A segunda: você não pode ter estado lá.

É preciso ser um malabarista e tanto para conciliar essas duas verdades incompatíveis. Obviamente, o malabarismo exige uma terceira bola para manter o ritmo. A terceira bola é o tempo — que fica pulando num frenesi muito mais louco do que qualquer um de nós gostaria de acreditar.

São cinco horas da manhã. Você sabe disso, porque o relógio de pilha na parede do quarto tiquetaqueia tão alto que às vezes é preciso abafá-lo com um travesseiro. E, ainda assim, embora sejam cinco da manhã aqui, são cinco da tarde na China — o que prova que verdades incompatíveis fazem perfeito sentido quando consideradas de uma perspectiva global. Mas você aprendeu que mandar seus pensamentos para a China nem sempre é uma boa ideia.

Sua irmã dorme no quarto ao lado; seus pais, no seguinte. Seu pai está roncando. Daqui a pouco sua mãe vai dar uma cutucada nele, que vai se virar e parar de roncar, talvez até o amanhecer. Tudo isso é normal, o que é um grande conforto.

Do outro lado da rua, os sprinklers do vizinho começam a funcionar, sibilando tão alto que chegam a abafar o tique-taque do relógio. Dá para sentir a bruma do sprinkler pela janela aberta — o leve cheiro de cloro, o forte cheiro de flúor. Não é legal saber que os gramados da vizinhança terão dentes saudáveis?

O sibilo dos sprinklers não é como o som das serpentes.

E os golfinhos pintados na parede do quarto da sua irmã não são capazes de elucubrar tramas mortais.

E os olhos dos espantalhos não enxergam.

Mesmo assim, há noites em que você não consegue dormir, porque essas coisas que te obrigam a fazer mil e um malabarismos tiram toda a sua concentração. Você tem pavor de que uma das bolas caia, porque, se isso acontecer, como é que vai ficar? Você nem se atreve a imaginar além desse momento. Porque quem está à sua espera nesse momento é o Capitão. Que é paciente. E espera. Sempre.

Muito antes de o navio existir, já existia o Capitão.

Essa viagem começou com ele, você suspeita que vai terminar com ele, e tudo o que resta entre uma coisa e a outra é a comida em pó dos moinhos de vento que podem ser gigantes triturando ossos para fazer o próprio pão.

Pise com cuidado, ou irá despertá-los.

## 2 Lá Embaixo É a Eternidade

— Não há como determinar a profundidade dela — afirma o capitão, e o lado esquerdo do bigode se retorce como o rabo de um rato. — Se alguém cair naquele abismo insondável, dias se passarão antes que chegue ao fundo.

— Mas a fossa já foi medida — ousou observar. — Há pessoas que estiveram lá. Por acaso, eu sei que ela tem quase onze quilômetros de profundidade.

— Sabe? — rebate o capitão, em tom sarcástico. — E como é que um filhotinho nanico e trêmulo como você pode saber de alguma coisa, a não ser que o próprio nariz vive molhado? — Então ri da descrição que fez de mim. O capitão tem o rosto curtido e coberto de rugas adquiridas ao longo da vida inteira passada no mar — embora muitas estejam escondidas pela barba escura e desgrenhada. Quando ri, as rugas se esticam, e dá para ver os músculos e os tendões do pescoço. — Sim, é verdade que aqueles que se aventuraram pelas águas da fossa afirmam ter visto o fundo, mas mentem. Mentem como um tapete, e por isso são espancados duas vezes, o que já basta para remover a poeira.

Já parei de tentar decifrar as coisas que o capitão diz, mas elas ainda me preocupam. Como se eu estivesse deixando passar alguma coisa. Alguma coisa importante e enganosamente óbvia que só vou compreender quando for tarde demais para fazer diferença.

— Lá embaixo é a eternidade — sentencia o capitão. — Não permita que ninguém o convença do contrário.

### 3 Melhor Assim

Tenho o seguinte sonho. Estou deitado na mesa de uma cozinha com luzes fortes demais, onde todos os eletrodomésticos são de uma brancura cegante. Não chegam a ser novos, apenas fingem ser. São de plástico, com detalhes em cromo, mas o plástico predomina.

Não consigo me mover. Ou não quero. Ou tenho medo. Toda vez que o sonho se repete, ele é um pouco diferente. Há pessoas ao meu redor, só que não são humanos; são monstros disfarçados. Entraram na minha cabeça e arrancaram várias imagens de rostos, transformando-as em máscaras de gente que amo — mas eu sei que é tudo uma farsa.

Eles riem e falam de coisas que não significam nada para mim, e eu fico paralisado entre todos aqueles rostos falsos, no centro das atenções. Eles me admiram, mas é do jeito como as pessoas admiram algo que estão prestes a devorar.

— Acho que você o tirou cedo demais — diz um monstro disfarçado com a cara da minha mãe. — Deveria ter ficado mais tempo na geladeira.

— Só há uma maneira de descobrir — responde o monstro disfarçado de meu pai. Sinto os risos ao meu redor — não das bocas, porque as bocas das máscaras não se mexem. Os risos estão nos pensamentos, que eles lançam dos olhos vazados sobre mim como dardos envenenados.

— Você vai ficar melhor assim — diz um dos outros monstros. De repente, seus estômagos soltam um ronco violento como o estrondo de uma montanha desabando, enquanto avançam para o prato principal e me despedaçam com as garras.

## 4 É Assim que Pegam a Gente

Não me lembro de quando a viagem começou. É como se eu sempre tivesse estado aqui, embora isso seja impossível, porque houve um Antes, na semana passada, no mês passado, no ano passado. Mas tenho certeza absoluta de que ainda estou com quinze anos. Mesmo que tenha passado anos a bordo da verdadeira relíquia de madeira que é este navio, minha idade ainda é de quinze anos. O tempo é diferente aqui. Ele não se move para frente; ele se move meio de lado, feito um caranguejo.

Não conheço quase nenhum dos tripulantes. Ou talvez me esqueça deles de um momento para outro, porque todos têm um ar de seres sem nome. Há os mais velhos, que parecem ter passado a vida inteira no mar. E também os oficiais, se é que se pode chamá-los assim. São piratas de Halloween, como o capitão, com dentes pintados de preto, pedindo doces à porta do inferno. Eu até acharia graça deles, se não acreditasse sinceramente que arrancariam meus olhos com seus ganchos de plástico.

Por fim, há os mais jovens como eu: rapazes que cometeram crimes e foram expulsos de lares amorosos, ou violentos, ou de lar algum, pela conspiração dos pais que tudo vê com mil olhos fixos de Big Brother.

Meus colegas de tripulação, rapazes e moças, cuidam dos seus afazeres e não me dirigem a palavra, a não ser para dizer coisas como “Você está na minha frente”, ou “Não mexa no que é meu”. Como se algum de nós possuísse algo digno de ser guardado. Às vezes, tento ajudá-los a desempenhar suas tarefas, mas eles me dão as costas, ou me empurram, irritados por eu ter me oferecido.

Não paro de imaginar que vejo minha irmã a bordo, embora saiba que ela não está aqui. Eu não deveria estar ajudando-a a fazer o dever de matemática? Na minha cabeça, vejo-a mofando de tanto esperar por

mim, mas não faço ideia de onde ela esteja. Só sei que não chego a ir ao seu encontro. Como posso fazer isso com ela?

Todo mundo no navio é mantido sob supervisão constante pelo capitão, que me é vagamente conhecido e desconhecido ao mesmo tempo. Ele parece saber tudo a meu respeito, embora eu não saiba nada sobre ele.

— Minha atividade é manter o coração das *suas* atividades bem seguro entre os dedos — ele me disse.

O capitão tem um tapa-olho e um papagaio. O papagaio tem um tapa-olho e carrega um crachá pendurado no pescoço.

— Eu não deveria estar aqui — digo em tom suplicante ao capitão, tentando lembrar se já lhe disse isso antes. — Tenho provas e trabalhos escolares, e roupas sujas no chão do quarto que ainda nem peguei, e tenho amigos, um monte de amigos.

O capitão mantém o queixo rígido e não responde, mas o papagaio exclama:

— Você terá amigos, muitos amigos aqui também, aqui também!

Então, um dos outros rapazes sussurra ao meu ouvido:

— Não conte nada ao papagaio. É assim que pegam a gente.

## 5 Sou a Bússola

As coisas que sinto não podem ser traduzidas em palavras, ou, se podem, são palavras numa língua que ninguém pode compreender. Minhas emoções têm o dom bíblico de falar em idiomas desconhecidos. A alegria vira raiva e a raiva vira medo e o medo vira uma ironia divertida, como quem salta de um avião de braços abertos, sem ter a menor dúvida de que pode voar, para então descobrir que não pode, e que não apenas pulou sem paraquedas como também está nu, e todos lá embaixo assistem de binóculos, às gargalhadas, enquanto a pessoa despenca em direção a uma morte vergonhosamente trágica.

O navegador diz que não devo me preocupar com isso. Ele aponta para o bloco de pergaminho em que costumo desenhar para passar o tempo.

— Fixe seus sentimentos com linhas e cores — aconselha. — Cores, cores, pendores, esplendores: seus desenhos contêm esplendores que me cativam, gritam comigo, me obrigam a enxergar. Meus mapas nos mostram a rota, mas suas visões nos mostram o *caminho*. Você é a bússola, Caden Bosch. Você é a bússola!

— Se eu sou uma bússola, deve ser alguma totalmente inútil — respondo. — Nunca sei onde fica o norte.

— Claro que sabe — rebate ele. — É que nestas águas o norte vive correndo atrás do próprio rabo.

Isso me lembra de um amigo que achava que o norte era qualquer direção em que ele estivesse virado. Agora, estou achando que era capaz de ter razão.

O navegador pediu ao capitão que me deixasse ser o seu companheiro de cabine quando o meu anterior, de quem mal me

lembro, desapareceu sem maiores explicações. Dividimos uma cabine pequena demais para um, que dirá para dois.

— Você é o mais decente entre os indecentes a bordo deste navio — afirma ele. — Seu coração não se deixou enregelar pela frieza do oceano. Além disso, você tem talento. Talento, talão, talar, falar: seu talento levará o navio inteiro a falar mal de você por inveja, escreva o que estou lhe dizendo!

Ele é um rapaz que já participou de muitas viagens. E é míope. O que faz com que olhe para a pessoa mas não a veja, e sim algo atrás dela, numa dimensão muito distante da nossa. Mas ele raramente observa alguém, pois vive ocupado demais criando cartas de navegação. Ou, pelo menos, é assim que as chama. São cheias de números, palavras, setas e linhas que conectam os pontos das estrelas em constelações que eu nunca tinha visto.

— Os céus são diferentes por aqui — observa ele. — É preciso ver novos padrões nas estrelas. Padrões, perdões, perdições, medições: tudo se resume a medir o dia enquanto passa. Entendeu?

— Não.

— Da costa para cá, de cá para o Capricórnio. Essa é a resposta, estou lhe dizendo. O Capricórnio. Ele devora tudo, digere o mundo e faz dele parte do seu DNA, para então cuspi-lo, reivindicando seu território. Território, escritório, escrutinar, escutar: escute o que estou lhe dizendo. O signo de Capricórnio tem a resposta para o nosso destino. Tudo tem um propósito. Procure o Capricórnio.

O navegador é brilhante. Tão brilhante que a minha cabeça dói só por estar na presença dele.

— Por que estou aqui? — pergunto. — Se tudo tem um propósito, com que fim estou neste navio?

Ele volta para suas cartas, escreve palavras e adiciona novas setas sobre o que já está lá, deposita em camadas seus pensamentos tão densos que só ele é capaz de decifrá-los.

— Fim, delfim, golfinho, golfada, entrada, porta: você é a porta para a salvação do mundo.

— Eu? Tem certeza?

— Tanto quanto de estarmos neste trem.

## 6 É uma Mão de Obra

Porta, entrada, golfinhos dançando nas paredes do quarto da minha irmã enquanto observo parado diante da soleira. São sete golfinhos. Sei disso porque fui eu mesmo que os pintei para ela, cada um representando um dos *Sete Samurais* de Kurosawa, pois queria que ela ainda os apreciasse mesmo quando fosse mais velha.

Mas hoje à noite os golfinhos estão me fuzilando com os olhos, e, embora sua falta de polegares torne um duelo de espadas bastante improvável, estou achando os bichos muito mais ameaçadores do que de costume.

Papai está pondo Mackenzie para dormir. Já é tarde para ela, mas não para mim. Fiz quinze anos há pouco tempo; ela vai fazer onze em breve. Vou demorar horas para pegar no sono. *Se* pegar. Porque posso muito bem passar a noite em claro.

Mamãe está na sala conversando com vovó ao telefone. Escuto sua voz falando sobre o tempo e os cupins. Nossa casa está sendo devorada pelos cupins.

— ... mas esse tipo de dedetização em que a casa é coberta por uma câmara de lona é uma mão de obra — escuto mamãe dizer. — Tem que haver alguma solução melhor.

Papai dá um beijo de boa-noite em Mackenzie, e então se vira e me vê ali parado, nem exatamente dentro, nem fora do quarto.

— O que é, Caden?

— Nada, é que... esquece.

Ele se levanta e minha irmã se vira para a parede de golfinhos, deixando claro que está pronta para sonhar com os anjos.

— Se há alguma coisa errada, pode me contar — diz papai. — Você sabe disso, não sabe?

Respondo em voz baixa para que Mackenzie não me escute:

— Bom, é que... tem um garoto lá na escola.

— Sim?

— Claro que não posso ter certeza...

— Sim?

— Bom... acho que ele quer me matar.

## 7 Abismo Caridoso

Tem uma espécie de urna no shopping. Um túnel enorme, amarelo, onde são coletados os donativos para não sei que instituição beneficente que atende crianças, e eu acho muito desagradável de lembrar — “Crianças Amputadas de Guerras no Exterior”, ou algo assim. A pessoa tem que pôr a moeda na fenda e soltar. A moeda gira em mil voltas pelo túnel amarelo por um minuto inteiro, fazendo um som metálico e rítmico que vai ficando cada vez mais rápido, mais intenso, mais desesperado, à medida que ela se aproxima do buraco. E continua girando depressa — toda aquela energia cinética forçada a percorrer o tubo inteiro até fazer a barulheira de um alarme — para então ficar em silêncio, quando finalmente cai no abismo negro do túnel.

Eu sou essa moeda descendo, gritando no tubo do túnel, sem nada além da energia cinética e da força centrífuga para me impedir de cair na escuridão.

## 8 Sacudida para Cair na Real

— Como assim, “quer matar você”? — pergunta papai.

Ele sai do quarto de Mackenzie para o corredor e fecha a porta. O ângulo da luminosidade fraca que vem da porta do banheiro metros adiante me deixa em estado de alerta.

— Caden, isso é sério. Se há um garoto na escola ameaçando você, precisa me contar o que está acontecendo.

Ele fica esperando, e eu me arrependo de ter aberto a boca. Mamãe ainda está na sala falando com vovó ao telefone, e começo a me perguntar se é mesmo vovó ou se mamãe está só fingindo que é ela — falando com outra pessoa, talvez sobre mim, talvez usando um código. Mas por que ela faria isso? Que ideia absurda. Não, ela está só conversando com vovó. Sobre cupins.

— Você falou sobre esse garoto com seus professores?

— Não.

— O que ele fez? Ameaçou você abertamente?

— Não.

Papai respira fundo.

— Tá, então, se ele não chegou ao ponto de ameaçá-lo, talvez a coisa não seja tão séria assim quanto você pensa. Ele costuma levar algum tipo de arma para a escola?

— Não. Bom, talvez. Costuma, sim... costuma. Acho que ele é capaz de ter uma faca.

— Você já a viu?

— Não, mas eu sei. Ele é o tipo de garoto que carrega uma faca, entende?

Papai torna a respirar fundo e coça os cabelos, que estão ficando ralos.

— Me conte exatamente o que esse garoto disse a você. Tente se lembrar de tudo.

Procuro desesperadamente as palavras para me explicar, mas não consigo encontrá-las.

— O problema não é o que ele disse, é o que *não* disse.

Papai é contador: um tipo altamente racional e lógico, portanto não me surpreende que responda:

— Não entendi.

Eu me viro e fico mexendo num retrato da família na parede até entortá-lo. Isso me incomoda, por isso me apresso a endireitá-lo.

— Deixa pra lá. Não tem importância. — Tento fugir para a escada, louco para ouvir a conversa que mamãe está tendo, mas papai segura meu braço com gentileza. É o bastante para me impedir de ir embora.

— Espere aí. Vamos ver se entendi. Esse garoto que o está preocupando tem aulas de alguma matéria com você, e há algo no comportamento dele que você acha ameaçador.

— Na verdade, eu não tenho nenhuma aula com ele.

— Então, como é que o conhece?

— Não conheço. Mas, às vezes, passo por ele no corredor.

Papai abaixa os olhos, fazendo cálculos mentais, e então torna a olhar para mim.

— Caden... se não conhece o garoto, se ele nunca o ameaçou e tudo o que já fez foi passar por você no corredor, o que o leva a pensar que ele quer lhe fazer mal? Provavelmente, nem sabe quem você é.

— Sim, tem razão. Estou só estressado.

— E fazendo uma tempestade num copo d'água.

— Claro, uma tempestade num copo d'água. — Agora que eu disse isso em voz alta, percebo como devo ter parecido bobo. Afinal, o garoto nem sabe que existo. E nem mesmo sei o nome dele.

— O ensino médio pode ser bem estressante — diz papai. — Há muitas coisas para deixar o adolescente ansioso. Lamento que você tenha sofrido em silêncio todo esse tempo. Que coisa para se pensar! Mas, às vezes, todo mundo precisa de uma sacudida para cair na real, não é?

— É, sim.

— E então, está se sentindo melhor agora?

— Estou, sim. Obrigado.

Mas ele continua me estudando enquanto me afasto, como se talvez soubesse que estou mentindo. Meus pais têm notado como ando ansioso ultimamente. Papai acha que eu deveria começar a praticar algum esporte para liberar a tensão. Já mamãe acha que eu deveria fazer ioga.

## 9 Você Não É o Primeiro e Nem Será o Último

O mar se estende em todas as direções. Para frente, para trás, para estibordo, para bombordo e para o fundo, infinitamente para o fundo. Nosso navio é um galeão, bastante envelhecido pelos milhões de viagens que datam de eras muito mais tenebrosas do que a nossa.

— Ele é a melhor embarcação do seu tipo — disse o capitão, certa vez. —

Confie nele, e jamais ficará à deriva.

O que é ótimo, porque nunca há ninguém por trás do leme.

— Ele tem nome? — perguntei certa vez ao capitão.

— Dar nome a um navio é afundá-lo — respondeu ele. — Uma embarcação batizada carrega um peso maior do que o volume de água que desloca. Pergunte a qualquer naufrago.

Na madeira acima do arco da escotilha principal, há os seguintes dizeres gravados a fogo: *Você não é o primeiro e nem será o último*. Fico surpreso ao constatar o quanto esse aviso me faz sentir insignificante e predestinado ao mesmo tempo.

— O navio fala com você? — pergunta o papagaio, empoleirado acima da escotilha, me observando, sempre me observando.

— Não — respondo.

— Pois bem, se falar, anote tudo o que disser — instrui o papagaio.

## 10 Na Cozinha dos Horrores

Visito a Cozinha de Plástico Branco quase todas as noites. E, a cada vez, os detalhes mudam o suficiente para que eu possa prever o desfecho do sonho. Se fosse sempre o mesmo, pelo menos eu saberia o que esperar — e, se soubesse, poderia me preparar para o pior.

No sonho de hoje, estou escondido. Não há praticamente nenhum canto para eu me enfiar nesta cozinha. Estou espremido dentro de uma geladeira cara, do último tipo. Estou tremendo, e penso no capitão, como ele me chamou de filhotinho trêmulo. Alguém abre a porta; uma máscara de que não me lembro. Ela balança a cabeça.

— Coitadinho, você deve estar com frio. — Despeja café de uma garrafa cheia, mas, em vez de me oferecer, enfia a mão pelo meu umbigo e pega a garrafa de leite atrás de mim na geladeira.



## 11 Não Há Nada Feio que Não Tenha um Lado Belo

Os aposentos da tripulação ficam atrás do convés principal. O convés da tripulação é muito maior do que o navio parece ser por fora. De uma extensão impossível. Há um longo corredor que se estende por metros a fio, parecendo jamais chegar ao fim.

As pranchas de madeira que compõem o casco e os conveses do navio são vedadas por um piche negro e fedorento que impede a entrada da água. Em nenhuma parte, o cheiro é mais pungente do que aqui embaixo, um odor penetrante e orgânico, como se as formas de vida que foram destiladas pelo tempo no alcatrão não houvessem terminado totalmente de se decompor. É um cheiro que mescla suor concentrado, bodum corporal e aquela sujeira que se acumula nas unhas dos dedos dos pés.

— O cheiro da vida — respondeu o capitão, orgulhoso, quando lhe perguntei sobre o fedor. — Da vida em transformação, talvez, mas, ainda assim, da vida. É como a fetidez limosa de uma poça de maré, garoto: pungente e pútrida, mas, ao mesmo tempo, refrescante. Por acaso, quando uma onda quebra na praia, enchendo suas narinas de bruma salgada, você a maldiz? Não! Porque se lembra do quanto ama o mar. Aquele aroma que perfuma a orla no verão e o leva ao recanto mais sereno da sua alma não é nada além do sutil odor da putrefação marinha. — Em seguida, ele soltou um profundo suspiro de satisfação para provar o que dizia. — Eis aí uma grande verdade: não há nada feio que não tenha um lado belo.

## 12 Massacre

Quando eu e meus amigos éramos mais novos e batia o tédio no shopping, nós jogávamos esse jogo, que chamávamos de O Massacre do Psicopata. Escolhíamos uma pessoa ou um casal, às vezes uma família inteira — embora, para os propósitos do jogo, o ideal sempre fosse alguém que estivesse sozinho. Então, inventávamos uma história sobre o objetivo secreto do consumidor escolhido. Geralmente envolvia um machado e/ou uma serra elétrica, e um porão e/ou um sótão. Certa vez, escolhemos uma velhinha que transitava pelo shopping com um ar tão determinado na cara enrugada, que decidimos que ela era a serial killer perfeita do dia. A história era a seguinte: ela compraria mil coisas, não teria como carregar tudo e mandaria entregar em casa. Em seguida, renderia o entregador e o mataria com o próprio objeto que ele acabara de entregar. Ela possuía uma coleção inteira de armas recém-compradas e cadáveres de entregadores no porão e/ou no sótão.

Depois, resolvemos segui-la durante uns vinte minutos, achando tudo isso hilário... até que ela entrou numa loja de facas, e ficamos só espiando enquanto comprava um novo facão de cozinha. O que tornou o jogo ainda mais hilário.

Só que, quando ela saiu da loja, meus olhos encontraram os dela — até porque eu tinha me desafiado a fazer isso. Sei que foi uma coisa totalmente imaginária, mas havia um olhar cruel e malévolo naqueles olhos de que nunca vou me esquecer.

Ultimamente, ando vendo esses olhos em toda parte.

## 13 O Fundo Não Existe

Estou parado no meio da sala, afundando os dedos dos pés no nosso tapete luxuoso, mas de um bege sem alma.

— O que está fazendo? — Mackenzie me pergunta ao chegar da escola, atirando a mochila no sofá. — Por que está aí parado?

— Estou escutando.

— Escutando o quê?

— Os cupins.

— Você consegue escutar os cupins? — A ideia a horroriza.

— Talvez.

Ela mexe de um jeito nervoso nos botões azuis do casaco de pele amarelo, como se tentasse impedir os cupins de entrarem, como o frio. Em seguida, meio hesitante, encosta o ouvido à parede, acho que por imaginar que seria mais fácil escutar os cupins desse jeito do que parada no meio de uma sala silenciosa. Ela fica escutando por alguns momentos, e então diz, num tom um pouco ansioso:

— Não ouvi nada.

— Não se preocupe — respondo no tom mais tranquilizador possível. — Cupins são apenas cupins. — E embora seja a afirmação mais neutra do mundo, é o suficiente para dissipar todos os medos entomológicos que eu possa ter infundido nela. Satisfeita, Mackenzie entra na cozinha para fazer um lanche.

Não saio de onde estou. Não posso escutar os cupins, mas posso senti-los. E, quanto mais penso neles, mais os sinto, o que me distrai. Estou muito distraído hoje. Não pelas coisas que vejo, mas pelas que não vejo. As coisas nas paredes, as que estão sob meus pés, que sempre me inspiraram um fascínio estranho. E esse fascínio me infestou hoje como

os cupins roedores de madeira que pouco a pouco vão destruindo a nossa casa.

Digo a mim mesmo que essa é uma boa distração, porque me impede de ser assaltado por pensamentos sobre coisas desagradáveis que podem ou não estar acontecendo na escola. É uma distração útil, por isso me deixo levar por algum tempo.

Fecho os olhos e sinto, empurrando os pensamentos pelas solas dos pés.

Meus pés estão em terreno sólido e seguro, mas isso é apenas uma ilusão. Somos os proprietários da nossa casa, não somos? Na verdade, não, porque o banco tem a hipoteca. Então, somos donos de quê? Do terreno? Também não, porque, embora tenhamos a escritura do terreno em que a casa foi construída, não temos os direitos de mineração. E o que são os minerais? Tudo o que está no chão. Basicamente, se tem valor ou pode se tornar valioso algum dia, nós não possuímos. Só possuímos o que não tem qualquer valor.

Então, o que existe sob os meus pés, para além da mentira de que a casa nos pertence? Quando me concentro, posso sentir o que está lá no fundo. Embaixo do tapete há um bloco de concreto pousado sobre a terra que foi compactado há vinte anos por maquinaria pesada. E embaixo dele há vidas perdidas que ninguém jamais descobrirá. Pode haver até vestígios de civilizações dizimadas por guerras, feras ou sistemas imunológicos que levaram pau numa prova-surpresa bacteriana. Sinto os ossos e os cascos de criaturas pré-históricas. E então meus pensamentos vão ainda mais fundo, em direção ao leito de pedras onde fervilham e borbulham bolsões de gás expelidos pela flatulência da Terra, que tenta digerir sua longa e triste biografia. O lugar onde todos os filhos de Deus terminam sendo destilados por entre rochas numa gosma negra que sugamos do solo e queimamos nos automóveis, transformando essas coisas outrora vivas em gases causadores do efeito estufa, o que me parece melhor do que passar a eternidade em estado de lodo.

Descendo ainda mais fundo, sinto o frio da Terra sendo substituído pelo calor, até chegar às cavernas de magma incandescente, primeiro vermelho, depois branco, girando sob uma pressão inimaginável. A crosta externa, em seguida a interna, até o centro da gravidade e o ponto onde ela se inverte. O calor e a pressão começam a diminuir. A rocha derretida

torna a se solidificar. Atravesso o granito, o lodo, os ossos, o húmus, as minhocas e os cupins, até irromper em meio a um arrozal na China, provando que o lado de baixo não existe, pois sempre chega um ponto em que ele se transforma no lado de cima.

Abro os olhos, quase surpreso por me encontrar na sala, e então me ocorre que há uma tubulação perfeita indo da minha casa até algum lugar na China, e me pergunto se forçar os pensamentos a descer por esse túnel, como acabei de fazer, seria perigoso. Será que eles se dilatariam sob o efeito do calor e da pressão da Terra e irromperiam do outro lado como um terremoto?

Sei que é só uma ideia bizarra e absurda, mas, na manhã seguinte, e na outra, e em todas as manhãs a partir desse momento, assisto ao noticiário, com medo de descobrir que houve um terremoto na China.

## 14 Daqui Não se Pode Chegar Lá

Embora vários tripulantes apavorados tenham me avisado para não me aventurar pelos meandros desconhecidos do navio, não consigo me conter. Algo me compele a procurar as coisas que deveriam ser deixadas em paz. Pois, como alguém pode se encontrar a bordo de um grande galeão e resistir à tentação de explorá-lo?

Certa manhã, em vez de comparecer à chamada no convés, acordo bem cedo para dar início à exploração. E me dirijo pelo longo e mal-iluminado corredor do convés da tripulação. Levo comigo o bloco de pergaminho, onde faço esboços rápidos.

— Com licença — digo a uma tripulante que nunca tinha visto, escondida entre as sombras da sua cabine. Ela tem olhos grandes, borrados de rímel, e usa uma gargantilha de pérolas que parece capaz de estrangulá-la.

— Para onde vai esse corredor?

A garota me olha com ar desconfiado.

— Ele não vai, ele fica aqui, onde está. — Então, ela se afasta e bate a porta. Memorizo seu rosto e o desenho no bloco, do jeito como o vi quando ela fugiu para as sombras.

Continuo caminhando, enquanto conto o número de escadas para calcular a distância percorrida no interminável corredor. Uma, duas, três. Chego até a décima, mas o corredor continua à minha frente. Por fim, desisto e subo a décima escada, apenas para sair de novo no convés pela escotilha da parte central do navio e me dar conta de que cada uma das escadas, não importa onde se situe no convés da tripulação, vai dar naquela mesma escotilha. Caminhei pelo corredor durante vinte minutos, e não cheguei a parte alguma.

Vejo o papagaio empoleirado na amurada acima, como se tivesse me observado apenas para poder debochar de mim.

— Daqui não se pode chegar lá — diz ele. — Não sabia? Não sabia?

## 15 Sem Sentir a Passagem do Espaço

Meu emprego no navio é de “estabilizador”. Não me lembro de quando me deram essa incumbência, mas me lembro do capitão explicando-a para mim.

— Você deve sentir o balanço do navio de um lado para o outro no mar e se posicionar em oposição a esse movimento, de estibordo para bombordo, de bombordo para estibordo — instruiu.

Em outras palavras: meu trabalho, como também da grande maioria dos tripulantes, é ficar correndo de um lado para o outro do convés, a fim de contrabalançar o movimento ondulante do mar. Uma coisa totalmente inútil.

— Como nosso peso pode fazer alguma diferença num navio deste tamanho? — perguntei a ele, certa vez.

Ele me fuzilou com seu olho injetado.

— Ah, então prefere trabalhar como lastro?

Isso fez com que eu me calasse. Já tinha visto o “lastro”: marinheiros espremidos feito sardinhas no porão de carga, para abaixar o centro de gravidade do navio. Quando não há nenhum trabalho disponível para um tripulante, ele se torna lastro. Eu deveria ter tido juízo bastante para não me queixar.

— Quando nos aproximarmos do nosso destino — disse o capitão, certo dia —, selecionarei um grupo especial para a grande missão. Faça o seu trabalho com o máximo empenho e vigor, e talvez a sua quase imprestável pessoa conquiste um lugar nesse grupo.

Embora não saiba se estou interessado, talvez seja melhor do que ficar me arrastando à toa de um lado para o outro do convés. Certa vez, perguntei ao capitão quão longe ainda estávamos da Fossa das Marianas,

porque todos os dias são idênticos no mar: não parecemos estar nem mais perto nem mais longe de nada.

— Faz parte da natureza de um horizonte líquido obliterar a sensação da passagem do espaço — afirmou ele. — Mas saberemos quando nos aproximarmos da fossa, porque haverá sinais e portentos sinistros.

Não vou me atrever a lhe perguntar que portentos sinistros serão esses.

## 16 Faxineiro

Às vezes, quando o mar está calmo e não tenho que ficar correndo para lá e para cá, faço companhia a Carlyle no convés. Carlyle é o faxineiro do navio — um cara com a cabeça coberta por uma penugem ruiva e um sorriso mais simpático do que o de qualquer outro tripulante. Ele não é nenhum garoto, já tem certa idade, como os oficiais, mas não é um deles. Parece definir seu próprio horário e estatuto, com pouca interferência do capitão, e é o único no navio cujo discurso faz sentido.

— Sou faxineiro por escolha — contou-me, certa vez. — Lavo o navio porque é necessário. E porque vocês não passam de um bando de moleirões.

Hoje, vejo ratos fugindo da água do seu esfregão, até desaparecerem pelos cantos escuros do convés.

— Malditos sejam — resmunga Carlyle, mergulhando o esfregão num balde de água turva e lavando o convés. — Nunca nos livraremos deles.

— Sempre há ratos em navios velhos — observo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

— Ratos? É isso que você pensa que são? — Mas não chega a me oferecer qualquer teoria alternativa. A verdade é que as criaturas correm tão depressa e se escondem tão fundo nas sombras, que não dá para ter certeza do que sejam. Isso me deixa nervoso, então resolvo mudar de assunto.

— Me conte alguma coisa sobre o capitão que eu não saiba.

— Ele é o seu capitão. Qualquer coisa que valha a pena saber já deve ser do seu conhecimento.

Pelo jeito como ele diz isso, percebo que tem uma intimidade com o capitão que poucos desfrutam. E me ocorre que, se quiser obter respostas, vou precisar ser bem específico nas perguntas.

— Me conte como ele perdeu o olho.

Carlyle suspira, dá uma olhada ao redor para ter certeza de que não há ninguém nos observando e começa a sussurrar:

— Tenho a impressão de que o papagaio perdeu o olho antes do capitão. Por tudo que ouvi dizerem, o bicho vendeu o olho a uma bruxa, a fim de que ela fizesse uma poção para transformá-lo numa águia. Mas a bruxa o enganou, bebeu ela mesma a poção e saiu voando. O papagaio, que não queria ser o único a usar tapa-olho, arrancou a butuca do capitão com as garras.

— Isso não é verdade — digo, com um sorriso.

Carlyle mantém a expressão solene enquanto joga água ensaboada no convés.

— É tão verdade quanto precisa ser. — O piche entre as pranchas parece se retrair do dilúvio.

## 17 Eu Pagaria para Ver Isso

O navegador afirma que a vista do cesto da gávea vai me trazer “conforto, claridade, caridade, castidade”.

Se é uma questão de múltipla escolha, vou marcar tanto a alternativa “A” como a “B”, embora, considerando a tripulação, também possa marcar a “C” com meu lápis número 2.

O cesto da gávea é um pequeno cilindro no alto do mastro principal com espaço para um tripulante, no máximo dois, vigiar. Concluo que seria um bom lugar para ficar sozinho com meus pensamentos, mas já deveria saber que meus pensamentos nunca ficam sozinhos.

À tardinha, subo os degraus de corda da enxárcia esfrangalhada que cobre o navio como uma teia de mortalhas. O último vestígio do crepúsculo desaparece no horizonte e, na ausência do sol, as estrelas esdrúxulas são seduzidas a brilhar.

A treliça de cordas da enxárcia vai se estreitando à medida que me aproximo do cesto, o que torna a subida cada vez mais traiçoeira. Finalmente, consigo trepar no pequeno tubo de madeira que abraça o mastro — apenas para descobrir que está longe de ser pequeno. Como o convés da tripulação, pode parecer assim visto de fora, mas, no interior, o espaço circular aparenta ter uns trinta metros de diâmetro. Há membros da tripulação reclinados em poltronas de veludo, bebericando martinis de néon com olhares distantes, enquanto ouvem uma banda tocar ao vivo um jazz suave.

— Festa para um? Por aqui — diz uma hostess, conduzindo-me até uma poltrona de veludo voltada para o cintilante rastro de luar na água.

— Você é um saltador? — indaga um homem pálido na poltrona ao lado, bebericando uma bebida azul e possivelmente radioativa. — Ou

está aqui apenas para observar?

— Estou aqui para clarear as ideias.

— Experimente um desses — diz ele, apontando para a sua bebida radioativa. — Até descobrir o seu próprio coquetel, pode beber do meu. Todo mundo aqui deve descobrir o próprio coquetel, ou será violentamente chicoteado e mandado para a cama. É assim que todas as canções de ninar terminam por aqui. Como *canções de finar*.

Olho ao redor para as aproximadamente doze pessoas que curtem um barato vagamente psicodélico.

— Não entendo como tudo isto cabe num cesto de gávea.

— A elasticidade é um princípio fundamental da percepção — explica meu companheiro. — Mas, assim como os elásticos arrebentam quando ficam muito tempo ao sol, desconfio que, com o tempo, o mesmo acontecerá com o cesto, que voltará ao tamanho apropriado. Quando isso acontecer, quem estiver aqui dentro será esmagado; sangue, ossos e entranhas sairão pelos buracos da madeira como massinha de modelar. — Ele ergue o copo. — Eu pagaria para ver isso!

A alguns metros, um tripulante usando um macacão azul sobe na borda do cesto, abre bem os braços e pula para a morte. Eu me levanto e olho pela borda, mas ele desapareceu. Todos os presentes aplaudem educadamente, e a banda começa a tocar “Orange-Colored Sky” [*céu laranja*], embora o crepúsculo seja roxo como uma equimose.

— Por que continuam aí sentados? — grito. — Não viram o que acabou de acontecer?

Meu companheiro beberrão dá de ombros.

— É isso que os saltadores fazem: saltam. Nosso papel é aplaudir sua coragem e celebrar suas vidas. — Ele lança um olhar casual para o lado. — Mas o convés fica tão longe que nunca dá para vê-los se esborracharem. — Arremata o resto da bebida. — Eu pagaria para ver isso!

## 18 Cinzeiro Misterioso

Não há ninguém na escola desejando me fazer mal.

É o que digo a mim mesmo todas as manhãs, depois de dar uma olhada no noticiário para ver se houve algum terremoto na China. E continuo repetindo enquanto vou de uma sala de aula para outra. E nas ocasiões em que passo pelo garoto que quer me matar, e, mesmo assim, parece nem saber que eu existo.

“Você está fazendo uma tempestade num copo d’água”, foi o que papai disse. O que pode ser verdade — mas isso implica que havia um copo d’água para a tempestade ser feita. Nos meus melhores momentos, sinto vontade de bater em mim mesmo por ser estúpido a ponto de achar que o garoto quer acabar comigo. E o que diz a meu respeito o fato de que sentir vontade de bater em mim mesmo é um dos meus melhores momentos?

“Você precisa ser mais centrado”, diria mamãe. Ela curte meditação e comida vegana crua, acho que como uma maneira de contrabalançar a raiva que sente por ganhar a vida limpando fiapos de carne dos dentes das pessoas.

É muito fácil falar em ser centrado; ser, no duro, é que são elas. Isso eu aprendi numa aula de cerâmica que tive certa vez. A professora fazia com que modelar uma moringa parecesse fácil, mas o fato é que exige muita precisão e habilidade. Você joga a bolota de argila no centro exato do prato giratório e, com mãos firmes, pressiona os polegares no meio, afastando-os um centímetro de cada vez. Mas, sempre que eu tentava, só chegava ao ponto em que a moringa saía do ponto de equilíbrio e se entortava, e cada tentativa de consertá-la só piorava as coisas, até que a borda embeaçava, os lados desmoronavam e eu tinha em mãos aquilo que

a professora chamava de “cinzeiro misterioso”, que voltava a ser jogado no balde de argila.

O que acontece quando o seu universo começa a sair do ponto de equilíbrio e você não tem a menor experiência em reconduzi-lo ao centro? Só pode dar murro em ponta de faca, esperando que as paredes desmoronem e a sua vida se torne um grande cinzeiro misterioso.

## 19 Desconstruindo Xargon

De vez em quando, nas sextas, meus amigos Max, Shelby e eu nos reunimos depois da aula. Acreditamos que estamos desenvolvendo um RPG, mas já estamos nisso há dois anos, e o bendito game parece nunca chegar perto do fim. Principalmente porque, à medida que cada um de nós vai ficando melhor e mais experiente na sua especialidade, acabamos tendo que chutar o pau da barraca e começar tudo do zero, por considerar o material anterior infantil e amadorístico.

Max é quem dá força ao projeto. É quem fica na minha casa por muito mais tempo do que meus pais têm paciência para aturar, porque, embora seja o gênio da informática do trio, seu computador é um bagulho que dá tilt só de você sussurrar a palavra “gráficos” num raio de um metro.

Shelby é quem desenvolve os conceitos.

— Acho que descobri quais são os problemas na história — anuncia ela na tarde de hoje. Como faz sempre que trabalhamos no game. — Acho que precisamos limitar o armamento biointegrado dos personagens. Senão, cada batalha vai ser um banho de sangue, o que é um tédio.

— Quem disse que banhos de sangue são um tédio? — pergunta Max. — Eu me amarro neles.

Shelby olha para mim em busca de apoio, mas está olhando para a pessoa errada.

— Para ser franco, eu também — respondo. — Acho que é coisa de homem.

Ela me olha com raiva e atira para mim algumas páginas com as descrições dos novos personagens.

*image  
not  
available*

O papagaio pula para a escrivaninha, empurra uma parte da bagunça e, como não encontra nenhuma caneta, rói com o bico uma pena verde-azulada das costas. Ela cai sobre a escrivaninha como uma daquelas penas de escrever de antigamente.

— Muito esperto, mas não tem tinta.

— Basta mergulhar a ponta no piche que veda as pranchas — sugere o papagaio. Estendo a mão à parede mais próxima, encosto o bico da pena na matéria escura que preenche a fresta entre duas pranchas de madeira, e algo mais escuro do que tinta é aspirado para o interior oco da pena. A vista disso me faz tremer. Enquanto respondo ao questionário, tomo cuidado para que nem uma gota sequer caia na minha pele.

— Todos têm que fazer isso? — pergunto.

— Todos, sem exceção.

— Tenho que responder a todas as perguntas?

— Todas, sem exceção.

— Mas que importância têm essas coisas?

— Têm importância.

Quando termino, apenas olhamos um para o outro. E me ocorre que os papagaios sempre parecem exhibir um sorriso simpático, como os golfinhos, por isso nunca se sabe o que estão pensando. Um golfinho pode estar louco para arrancar seu coração ou surrá-lo com o focinho até a morte, como é capaz de fazer com um tubarão, mas, como está sempre sorrindo, você pensa que é um amigo. O que me lembra dos golfinhos que pintei na parede do quarto da minha irmã. Será que ela sabe que eles podem querer matá-la? Será que já a mataram?

— Está se dando bem com os tripulantes, com os tripulantes? — pergunta o papagaio.

Dou de ombros.

— Acho que sim.

— Conte-me algo que eu possa usar contra eles.

— Por que eu faria isso?

O papagaio solta um suspiro assoviado.

— Ai, ai, não quer cooperar hoje. — Quando percebe que não vai conseguir arrancar nada de mim, ele torna a saltar no poleiro. — Já terminamos por hoje, por hoje. Agora, vamos jantar. Cuscuz e filé de dourado.

*image  
not  
available*

uma premonição fortíssima, quase como uma voz, dizendo que não posso voltar para o nosso hotel. Porque o cara está me vigiando. Porque talvez todos eles estejam. Talvez todos aqueles tipos pinta-braba distribuindo cartões estejam trabalhando juntos. E eu não posso voltar para o hotel, porque, se fizer isso, vai ser verdade. Portanto, convenço a minha irmã, que está se queixando de dor nos pés, a continuar caminhando, mas não explico por quê. De repente, sinto que a responsabilidade de protegê-la desses cafajestes é toda minha.

— Vamos dar uma olhada no Caesars Palace — sugiro a Mackenzie.  
— Todo mundo diz que é o máximo.

Quando entramos, começo a me sentir um pouco mais seguro. Gigantescos centuriões de pedra, armados com lanças e usando couraças, guardam a entrada. Sei que são apenas decorativos, mas fazem com que eu me sinta a salvo daqueles incendiários pinta-braba mancomunados.

No interior do hotel, entre as lojas que vendem perfumes, diamantes, artigos de couro e casacos de mink, há um nicho onde se vê mais uma escultura de pedra. É uma réplica perfeita em mármore do *Davi* de Michelangelo. Tudo em Las Vegas é uma réplica perfeita. A Torre Eiffel, a Estátua da Liberdade, metade da cidade de Veneza. O mundo real falsificado para o seu divertimento.

— Fala sério, um cara pelado?! — pergunta Mackenzie.

— Não seja estúpida, é o *Davi*.

— Ah — diz ela, felizmente sem perguntar “*Davi* de quê?”. Em vez disso, indaga: — O que é aquilo na mão dele?

— Um estilingue.

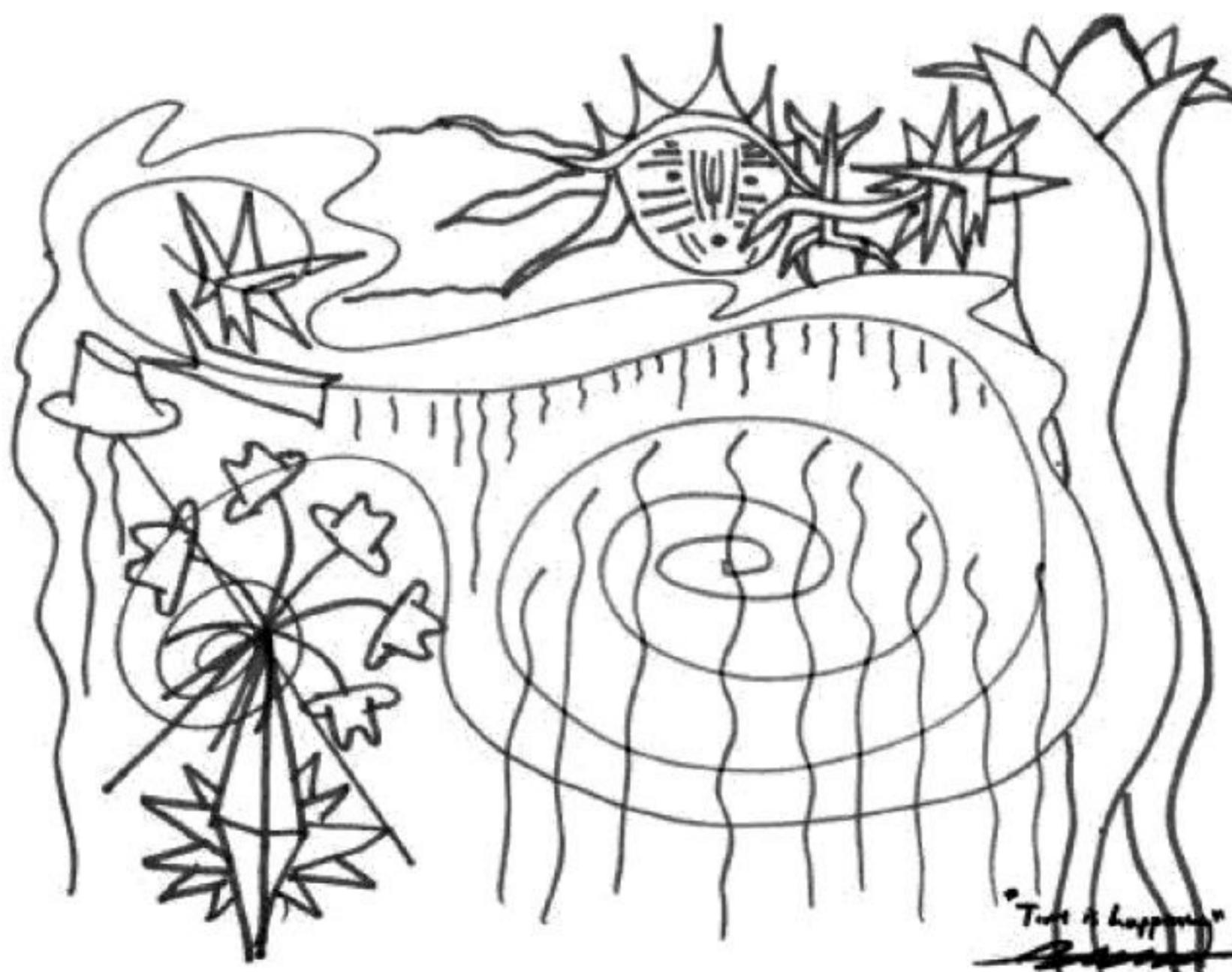
— Não parece um estilingue.

— É um estilingue bíblico — explico. — O que ele usou para matar Golias.

— Ah — diz Mackenzie. — Podemos ir agora?

— Só mais um segundo. — Ainda não posso ir embora porque fui hipnotizado pelos olhos de pedra de Davi. O corpo parece relaxado, como se o reino já fosse seu, mas a expressão no rosto é... carregada de preocupação, uma angústia que ele tenta esconder. Começo a imaginar se Davi era como eu. Vendo monstros em toda parte e se dando conta de que não há estilingues suficientes no mundo para matá-los.

*image  
not  
available*



Gritando, gritando, gritando na descida pela lateral da torre em direção ao escuro poço sem fundo, tão real, que sempre, sempre acreditarei que foi verdade — e ainda assim, oito segundos e meio depois, a velocidade da queda diminui e sou amparado por uma equipe na base da torre. Fico tão surpreso por ainda estar vivo, que não consigo parar de tremer, e a minha única vitória nessa noite horrível é o fato de papai, que salta depois de mim, vomitar durante toda a descida — mas nem mesmo isso é capaz de anular a sensação infernal, abissal, de que ainda estou à beira de algo inimaginável.

## 26 Bichos e Restos Nojentos

Pela manhã, o bartender me chama para ir ao cesto da gávea, a fim de preparar meu coquetel. Não há saltadores hoje, portanto o local está quase deserto.

— Este coquetel deve ser seu e somente seu. — Ele me crava um longo olhar, até eu assentir com a cabeça. Satisfeito, ele pega várias garrafas e vidros de poções na prateleira, as mãos se movendo tão depressa que até parecem ser mais de duas. Ele agita a mistura numa coqueteleira enferrujada.

— Quais são os ingredientes? — pergunto.

Ele me olha como se eu fosse um imbecil por perguntar. Ou por achar que vou receber uma resposta.

— Lixo e condimentos, bichos e restos nojentos.

— Que restos, especificamente?

— Cartilagem de vaca e espinha de besouro preto.

— Besouros não têm espinha — observo. — São invertebrados.

— Exatamente. É por isso que são tão raros.

O papagaio chega lá de baixo, batendo as asas, e se empoleira na máquina registradora. Ao vê-la, lembro que não posso pagar e digo isso ao bartender.

— Não tem problema — responde ele. — Podemos cobrar a despesa do seu plano de saúde.

Ele despeja a poção numa taça de champanhe de cristal e a entrega para mim. A mistura borbulha, vermelha e amarela, mas as duas cores não se misturam. Meu coquetel é uma lâmpada de lava.

— Bebe tudo, bebe tudo — ordena o papagaio. Vira a cabeça um pouco e me observa com o olho bom.

## 28 Arco-Íris de Manteiga de Amendoim

Nossa casa está finalmente livre dos cupins, e as maravilhas da Cidade do Pecado são lembranças que é melhor enterrarmos. Mas não me sinto mais confortável em casa. Tenho uma necessidade incontrolável de ficar andando. De um lado para o outro, de um lado para o outro. É inútil. Quando não estou andando, estou desenhando; quando não estou desenhando, estou pensando — o que me faz recomeçar a andar e a desenhar. Talvez seja efeito dos resíduos do pesticida.

Eu me sento à mesa da sala de jantar. Tenho um mar de lápis de cor, de cera e de carvão diante de mim. Resolvo trabalhar com os lápis de cor, mas seguro cada um com tanta força, fazendo tanta pressão, que eles vão se quebrando um atrás do outro. Não só as pontas, os lápis em si. Jogo-os por cima do ombro, pois não tenho tempo a perder.

— Você parece um cientista louco — observa mamãe.

Só escuto suas palavras dez segundos depois de ela dizê-las. É tarde demais para responder, então me calo. Seja como for, estou muito ocupado para responder. Tenho uma coisa na cabeça e preciso vomitá-la no papel antes que mude o formato do meu cérebro. Antes que as linhas coloridas o fatiem como um cortador de queijo. Meus desenhos perderam todo o senso de forma. São só rabiscos e sugestões, tudo aleatório, mas, ao mesmo tempo, não. Fico pensando se os outros verão o mesmo que vejo neles. Essas imagens têm que significar alguma coisa, não têm? Por que outro motivo seriam tão intensas? Por que aquela voz silenciosa dentro de mim exigiria tão irredutivelmente que eu as ponha para fora?

O lápis magenta se quebra. Jogo-o para trás e pego o vermelho-escuro.

## 30 Os Movimentos das Moscas

Enquanto cuido dos meus afazeres junto com os outros marinheiros, indo de um lado para o outro do convés sem que esse esforço faça qualquer sentido, o capitão fica acima de nós, ao leme do navio. Como um pregador, ele nos doutrina com seu tipo muito especial de sabedoria.

— Contem suas bênçãos — exorta ele. — E, se contarem menos de dez, cortem os dedos que faltarem.

Vejo o papagaio examinar cada membro da tripulação, pousando no ombro ou se empoleirando no alto da cabeça por alguns momentos antes de voar para o próximo. E me pergunto o que estará aprontando.

— Queimem todas as suas pontes — ordena o capitão. — De preferência, antes de atravessá-las.

O navegador está sentado num barril que, no passado, já esteve cheio de comida, mas agora, devido ao vazamento, exala um fedor que testemunha a decomposição dos alimentos. Ele está criando uma nova carta de navegação baseada nos movimentos das moscas que enxameiam ao redor do barril.

— Os movimentos delas são mais verdadeiros do que as estrelas — afirma —, porque as moscas comuns têm olhos multifacetados.

— E que diferença isso faz? — ousou perguntar.

Ele me observa como se a resposta fosse óbvia.

— Olhos compostos, engodos expostos.

Posso ver por que ele e o capitão se dão às mil maravilhas.

O papagaio pousa no meu ombro enquanto me arrasto num interminável vaivém pelo convés.

— Marinheiro Bosch! Fique quieto, fique quieto! — Então, ele dá uma espiada no meu ouvido com o olho descoberto, movendo a cabeça

## 32 Menos do que Nada

Li em algum lugar que qualquer dia desses vão acabar com os *pennies* de uma vez por todas, porque acho que eles só servem mesmo para comprar pensamentos. Os valores nas contas bancárias serão arredondados à moeda mais alta. Os caça-níqueis vão recusá-los. Por lei, será proibido fazer uma compra que termine com zero ou cinco. Nenhum valor entre um e outro será permitido. Só que *há* valores entre um e outro, mesmo que todos neguem.

É como as fichas do metrô que se tornaram obsoletas quando Nova York começou a usar cartões magnéticos. Ninguém sabia o que fazer com elas. Eram como o tesouro de quinquilharias de um dragão que nem mesmo o irmão malsucedido de Smaug quereria — e com os imóveis caros do jeito que são na cidade, o custo de guardá-las devia ser astronômico. Aposto que contrataram a Máfia para jogá-las no East River, além do corpo do planejador que implantou esse lance dos cartões magnéticos.

Se os *pennies* deixassem de ter valor, será que isso reduziria o valor dos nossos pensamentos a menos que nada? Fico triste por pensar nisso: bilhões de moedinhas de cobre girando no túnel amarelo rumo ao esquecimento. E me pergunto para onde irão. Todos aqueles pensamentos têm que ir parar em algum canto.

Felizmente, é um dia de calma no mar. A proa se alteia e tomba apenas levemente, cavalgando as ondas. Não me dão nenhuma corda, portanto não tenho como me prender. Vou ter que me esgueirar até a pontinha da estaca sem qualquer proteção além do meu próprio equilíbrio para impedir que caia no mar, onde acabaria debaixo do navio, estraçalhado pela quilha coberta de cracas.

Com o pano em uma das mãos e a lata de cera na outra, monto na estaca, apertando bem as coxas para não cair no azul sem fundo. O único jeito de fazer isso é começar pela ponta e depois vir deslizando de volta — porque, quando a madeira já estiver polida, ela vai ficar escorregadia demais para as mãos poderem se firmar, por isso vou avançando com cuidado até a frente, e começo, fazendo o possível para me esquecer das águas que passam abaixo. Os braços doem do trabalho, as pernas doem de tanto apertar as coxas. A tarefa parece demorar uma eternidade, mas finalmente estou de volta ao ponto de partida na proa.

Dou meia-volta com todo o cuidado, até ficar de frente para o navio, onde vejo o capitão sorrindo de orelha a orelha para mim.

— Realizou o trabalho com grande competência! — exclama ele.  
— Agora, saia daí, antes que o mar ou alguma criatura marinha devore a sua carcaça inútil. — Em seguida, ele se afasta, satisfeito por eu ter sido suficientemente atormentado.

Talvez seja porque fiquei meio prosa com o meu sucesso, ou porque o mar está despeitado por não ter me pego — mas o fato é que, quando torno a subir na proa, o navio aderna, atingido por um súbito vagalhão. O que me faz escorregar e deslizar do gurupés.

Esse deveria ter sido o fim da minha infeliz existência, mas alguém me apanha, e eu fico pendurado por um único braço acima da morte.

Levanto a cabeça para ver quem me salvou. A mão que me segura é marrom, mas não coberta por uma pele dessa cor. É de um tom acinzentado, com dedos ásperos e duros. Meu olhar segue seu braço até ver que estou sendo segurado pela carranca do navio — uma donzela de madeira entalhada na proa, abaixo da viga do gurupés. Não sei se devo me sentir agradecido ou apavorado — mas o terror se dissipa no instante em que percebo como ela é linda. As ondas esculpidas dos cabelos se dissolvem entre as madeiras do navio. O torso perfeito se afina na proa, como se o resto da embarcação fosse apenas uma parte do seu corpo. E o